



TRIBUNA DE COIMBRA

Evocando uma efeméride

«Acabaram-se as horas angustiosas — escrevia Pai Américo — de dizer que não, nas Colónias, ao rapaz que me pedia para ficar mais tempo. Tinha uma casa para eles.» Foi assim, o nascimento da Casa de Repouso do Gaiato Pobre em Miranda do Corvo. «Uma casa para eles.» A compra, feita sem dinheiro, corria o mês de Julho de mil e novecentos e trinta e nove, por quarenta mil escudos. «Os construtores de obras assim... não têm medo do dinheiro... Assinei a escritura, dei metade à conta e no fim de semanas tinha a dívida saldada.» A Casa do Gaiato abriu as portas aos três primeiros garotos na primeira semana de Janeiro de mil e novecentos e quarenta.

Evocando esta efeméride que nos toca bem de perto, damos graças a Deus. Em primeiro lugar pelo dom concedido a Pai Américo: «Se gratuitamente me for dado o sentido dos males alheios, gratuitamente me obriguei ao trabalho de os aliviar...» Um dom vivido até à exaustão: a morte, ocorrida em 16 de Julho de mil e novecentos e cinquenta e seis. Graças a Deus pelo sinal que Pai Américo é para a Igreja e para cada um de nós. É hora de dar graças pelo bem-repartir que a

Obra gera em tantos corações. O Natal é disso uma prova eloquente. Damos ainda graças a Deus pelo ninho que cada Casa do Gaiato é para os rapazes privados de família ou abandonados ao destino da rua.

Finalmente, graças pelo trabalho escondido dos padres, das senhoras e dos rapazes mais generosos ao serviço dos mais pobres. Esta mesma casa-mãe que Pai Américo comprou — o berço da Obra da Rua — depois de obras de restauro voltou a acolher os nossos mais pequeninos. É a casa-mãe de Miranda do Corvo. Tenho ouvido dizer que ficou linda. Fico satisfeito. Foi na noite de Natal. O acolhimento aos que não tinham lugar para eles. São 16 pequeninos. Zé Pinóquio, chefe-maioral, num quarto lá no forro, estende as asas, enquanto a mãe não chega. Também lá toma conta o Carlos, de Penha Garcia. E, no primeiro andar, o João Luís, de Elvas. Uma salinha que fora, antes, quarto dos «xi-xi», agora decorada com peças oferecidas, há muito; por gente amiga e com um fogão a lenha ao fundo, empresta à moradia um requinte familiar. Isso mesmo que Pai Américo quis que fosse: uma casa de família.

No dia 7 de Janeiro havemos de levantar, em nossas mãos frágeis, o Cálice da bênção: a única forma de celebrarmos, com verdade, os dons recebidos.

O Cálice da bênção, porque Pai Américo é uma bênção do Pai e cada Casa do Gaiato é também uma bênção que chega a muitos corações. Invocaremos o

nome do Senhor e o Seu perdão sobre nós e sobre aqueles que se nos recomendam.

Padre João



Esta Casa-mãe que Pai Américo comprou — berço da Obra da Rua — voltou a acolher os nossos mais pequeninos.

Moçambique

O sal da nossa vida

Fui a Angola, mordido de saudades das nossas Casas onde vivi três anos e meio ansioso de comungar na vida e angústia dos nossos Padres.

Esperava-me o Padre Telmo, atarefado com o desalfandegar do contentor de leite. Impossível pensar ir a Malanje dentro dos oito dias de que podia dispor. Na manhã seguinte já fui almoçar em Benguela, regressando três dias depois, dada a dificuldade de voos.

Não cabe dizer o que vi e ouvi. Dizer da impressão profunda que ficou entranhada no nosso coração e é o sal da nossa vida. É uma hora muito sofrida que os nossos Padres conseguem sublimar. A crueza da vida e o absurdo das situações, nem os revolta nem desanima.

Luanda, com um terço da população

Continua na página 4

Ecoss d'África

O Natal trouxe-nos, em todas as vertentes da nossa vida, um bafo ainda mais caloroso que eu queria que todos os nossos entendessem como um dom de Deus à Obra de que fazemos corpo — não merecimento de «lindos olhos» que cada um, por si, não tem. É a alma da Obra — não o corpo que fazemos — que encanta e atrai os homens; e a alma da Obra é obra de Deus. Só a Ele louvor e glória!

E a maior alegria que nos fica é exactamente este sinal de Esperança que percebemos de todo o carinho que nos envolve: Cristo Jesus é, e será sempre, o grande Sedutor dos homens; e o Seu Evangelho, vivido em ânsia de fidelidade, a grande força que nos não deixa sucumbir sob o peso da vulgaridade.

Sinal de Esperança

A «porta aberta» que somos, seja, antes de mais, porta aberta para Ele, para que Ele nem tenha de bater e entre e «ceie connosco e nós com Ele». E assim quem não será por nós, se está connosco a Causa e o Garante do amor que nos têm?!

Em todas as vertentes da nossa vida sentimos este bafo, mas especialmente o sentimos nas lembranças expressas dos nossos e para os nossos que estão testemunhando em África o poder de Deus escondido na pequenez dos homens. Só Ele pode criar: fazer algo a partir do nada. Quanto mais, na acção que brota da sua Fé, os homens se aproximam desta imagem, tanto

mais surpreendem, tanto melhor testemunham *Aquele que é e é Amor* e, por isso, a Fonte de todo o Bem.

É com migalhas que os nossos padres em África vão saciando fomes. E embora a obra que se lhes apresenta, exija milhões, não cobiçamos outros fundos que não sejam da espécie do fiozinho de água que nunca seca e, em cada momento, fornece o caudal que temos capacidade de encaminhar. Foi sempre assim na Obra da Rua e esta é a sua bênção: «A nossa pobreza é a nossa riqueza».

Que todos nós e aqueles que esperam de nós, tenham paciência. No dia em que cedêssemos à tentação de responder em grande às

necessidades que nos cercam, deixaríamos de ser nós: obreiros do Evangelho.

Por esta razão olho com enlevo o maço imenso de mensagens que este Natal nos trouxe e de que apenas poderei respirar aqui, passagens mais expressivas. Todas eram portadoras de dons que nos capacitam para ir respondendo aos apelos das nossas Comunidades em Angola e Moçambique. Mas é o fervor das mensagens que avaliza, que torna autênticos e fecundos os dons feitos de papel caduco e instável que os Bancos emissores inprimem. Vamos pois a estas emissões de Vida:

«É sempre com enorme alegria que aqui estou a acertar com vocês as contas das seguintes assinaturas...»

Continua na página 4

Conferência de Paço de Sousa

PARTILHA — Guimarães: assinante 17431 com «pequena lembrança para o Natal dos Pobres». Outro «donativo de Natal», de «velho amigo da Obra da Rua» — o assinante 24481, do Porto. «Um resto», de várias ofertas da assinante 27044, de Alvide, que, afirma, «é muito pouco mas peço a Deus que o multiplique como fez aos pães, aos peixes». A senhora condessa, assinante 11295, com cinquenta mil para serem aplicados «em remédios para os mais necessitados». Paga as facturas de Novembro e Dezembro, na botica.

A assinante 8618 — «quero ser anónima» — junta o óbolo duma amiga para a ceia de Natal. «Uma portuense qual-quer» presente com «a migalhinha referente ao mês de Dezembro». Assinante 35019, de Lisboa, traz «pequena oferta (3.000\$00) para abrilhantar a consoada dum Pobre mais necessitado». O costume, do assinante 17258, Baguim do Monte — Rio Tinto. Cheque, de dez mil, pela mão do assinante 27177, da Capital: «Que nesta quadra natalícia possa aliviar o fardo que pesa sobre alguns Pobres que protegem». Muito bem!

Avenida Rodrigues Manito — Setúbal, 2.500\$00 «para ajudar uma carência de primeira necessidade». Vila Nova de Gaia: assinante 35193 não quer «deixar passar esta quadra sem enviar um donativo para os Pobres da Conferência do Santíssimo Nome de Jesus». Idem, da assinante 7769, do Porto, com a amizade de sempre. Outro cheque do assinante 2735, de Aqualva (Cacém). Pede, «por favor, nada de agradecimentos». Notas muito espirituais!

Mais dez mil, da assinante 21319, de Guimarães, que também não quer agradecimentos — «basta registar n'O GAIATO». Souto da Casa — Fundão, cinquenta mil «destinados aos Pobres mais necessitados e envergonhados, por alma do meu marido». Sufrágero querido pela Misericórdia de Deus! Mais um cheque, do assinante 42971, de Ovar. Tão perseverante! O costume da «Avó de Sintra», com melhor saúde — graças a Deus. Ainda mais: aquele Amigo que entra pelo escritório, de sorriso nos lábios, e deixa em nossas mãos a sua dádiva e «dum meu amigo» também.

«Partilha de Natal / 93» da Conferência de S. Cosme e S. Damião, Gondomar — 5.000\$00. É uma presença que muito nos sensibiliza por sermos companheiros da mesma acção: servir os Pobres. Por fim, retribuimos — com o coração nas mãos — os votos de santo Natal e Ano Novo.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

Pelas CASAS DO GAIATO

PAÇO DE SOUSA

NOVOS IRMÃOS — Recebemos mais lindas caras novas. E estamos muito contentes por recebê-los e convivermos todos juntos.

EXCURSÃO — Muitos amigos têm-nos visitado com carinho. Trazem merendas e convivem connosco. É uma festa grande, recebermos excursões de todo lado. Venham sempre.

PARQUE — Os nossos serralheiros resolveram melhorar o parque infantil. Os carrinhos estavam parados por falta de materiais. Agora, estão completos para ocupar os tempos livres dos rapazes mais novos.

OFERTAS — Pelo Natal recebemos muitas prendas, inclusivamente brinquedos. Recebemos, também, com alegria, o vosso carinho: prendas e postais de Natal. Obrigado a toda a gente.

«Peixinho»

OFICINAS — Vão bem e, com alguma ajuda dos estudantes, ainda melhor.

ESCUTEIROS — Vieram alguns, do Porto, passar um dia ou dois em nossa Casa. Resolveram então ajudar em alguns trabalhos, na lenha e outros mais.

ESTUDANTES — Mais um regresso do Porto. Agora, pelas férias de Natal. Para nós é uma festa que só há uma vez por ano, mas da qual nos lembramos todos os dias.

PASSAGEM D'ANO — Muitos rapazes estiveram na passagem d'ano junto das famílias — e para eles é uma alegria muito grande. Outros, quase todos sem ninguém, na bela Casa do Gaiato.

PRESEPIOS — As moradias da nossa Aldeia estão iluminadas e com os respectivos presépios. O último foi o do nosso refeitório e os «Bata-

tinhas», nas refeições, não param de olhar para ele.

Xavier

NATAL — O Menino Jesus nasceu, outra vez, para nos salvar!

Em nossa Casa, a festa teve, como sempre, um grande significado, inclusivamente receber os irmãos que por cá já passaram, sempre bem vindos.

Tradicionalmente, à noite, houve um pequeno teatro, um convívio no salão. O conjunto musical tocou umas músicas para animar a malta. Seguiu-se a Missa do Galo. Na altura própria, lembrámos os nossos irmãos das Casas do Gaiato, em África. Por fim, serviram o cacau e houve entrega de prendas nas casas. Uns ficaram contentes, outros tristes...

DESPORTO — Defrontámos os Juvenis do F. C. Porto, no dia 18 de Dezembro. Estávamos a contar com os juniores...

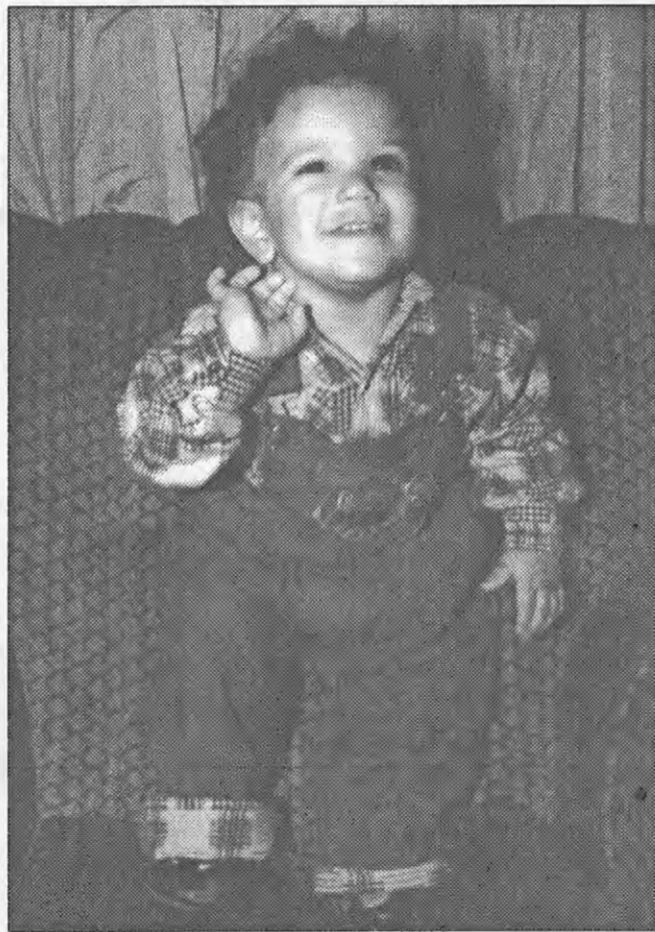
Antes do jogo, as fotografias da praxe e saudações ao público que ocorreu ao nosso campo.

Nos primeiros minutos de jogo tivemos logo uma flagrante oportunidade de golo. E, à medida que o tempo decorria, os jogadores mantinham a pressão inicial. Ao intervalo, 0-0. Na segunda parte, o ritmo do prélio era ainda maior, pois os jogadores receberam ordens dos técnicos para darem tudo por tudo e, passados alguns minutos, o nosso golo foi muito festejado pela assistência. Quando esperávamos o apito final, sofremos o tento do empate! Foi um erro do nosso capitão, contra a corrente do jogo! Resultado justo: 1-1.

Os golos foram marcados pelo Toni, nosso avançado, e pelo portista Hugo. Sob a arbitragem de Teixeira (ex-gaiato), Ricardo e Edgar (juniores portistas), as equipas alinharam:

G. D. Casa do Gaiato — Amarante; Nérito, Nilton, Silva, Carlos; «Albufeira», Tózinho e Rolando (cap.); «Corneto», Toni e Manel. Jogaram ainda: «Banana», Lando, Zé, Edson e Alexandre.

F. C. Porto — Freitas; Duque, João Pedro, Nunes e Artur; Correia, Brito e Miguel; João Paulo, Hélder e



Tiago André, filho do Manuel Carvalho, de Miranda do Corvo.

Chiquinho. Mais ainda: Moleiro, Hugo, Paulo, Dias, Filipe e Sérgio.

Depois dos jogadores tomarem o duche, houve uma festa, muito animada, no refeitório da nossa Aldeia, preparada pelos responsáveis portistas com a nossa colaboração. Falámos muito do encontro e de alguns dos nossos craques. Houve, também, troca de lembranças e ofertas. Um dia muito especial para a comunidade.

A convite da Direcção do F. C. Porto, estiveram o vocalista Rui Reininho e o Jorge — do Grupo Musical GNR. O Rui cantou o «Dunas», no salão de festas, e ofereceu cassetes e um CD. Obrigado. E, quem sabe?, poderá ser que o Rui Reininho tome cá. O convite está feito.

Agradecemos à Forte Sport (casa de artigos desportivos), pois contribuiu muito para a vinda do novo equipamento com o timbre do G. D. da Casa do Gaiato, estreado neste desafio. Por fim, agradecemos também à Direcção do F. C. Porto, por tudo o que nos deixou.

Repórter X

FESTA — Preparámos uma festa de Natal que deu muito trabalho, mas valeu a pena. Esperamos levar a mensagem a muitas outras terras.

OFICINAS — Os carpinteiros andam a fazer janelas e portas para a zona do escritório e para o oratório. A tipografia continua fechada, a serralharia só tem um rapaz a trabalhar.

GADO E AVES — Os rapazes tratam dos animais com muito interesse. Mas, infelizmente, há leitões doentes. Já cá veio o veterinário. Esperamos que fiquem bons. Temos um milhafre, apanhado por um dos nossos rapazes. Nós temos gosto pelas aves e pelos animais.

Frederico

Cooperativa de Habitação

Embora as notícias sobre a Cooperativa sejam escassas, a partir da entrega das primeiras 19 habitações a nossa actividade não parou.

O Arquitecto Arnaldo Barbosa continua a preparar um novo projecto, para 27 apartamentos, que brevemente nos será entregue.

A Obra da Rua continua a dar todo o apoio. Caso contrário não seria possível

avancar com novo projecto. Contamos também com a colaboração e ajuda do novo Presidente da Câmara Municipal de Penafiel, já conhecedor desta iniciativa, pois acompanhou com entusiasmo o primeiro projecto, estando presente aquando da entrega das primeiras 19 habitações.

E, certamente, poderemos também contar com a solidariedade dos leitores d'O GAIATO.

O Porto, através de Isaura Santos, com 5.000\$00, já iniciou a nova campanha de angariação de fundos destinados ao salão social e infanatório, dos quais beneficiarão as 46 famílias de antigos gaiatos a instalar em Vales — Paço de Sousa.

Será um projecto arrojado, mas com a colaboração e ajuda de todos esperamos realizar mais este sonho.

Correspondência para: Cooperativa Habitação E Gaiatos — Bloco 1 — r/c Esq. — Vales — Paço de Sousa — 4560 Penafiel.

Aproveitamos para desejar a todos os nossos Amigos Boas Festas e Feliz Ano Novo.

Carlos Gonçalves

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Há dias, passando os olhos pelo 1.º volume do *Pão dos Pobres*, li um desabafo de Pai Américo, que me tocou: «A Caridade não faz contas nem tem limites».

Nós preocupamo-nos demais com o dia de amanhã e não temos confiança n'Aquele que tudo vê, a quem nada escapa e vela por nós.

Pai Américo, mais adiante, escreve: «Os donativos que me dão, atijam o fogo, levantam chamas, queimam tudo, e deixam-me a pedir mais.»

Também nós, vicentinos, que aprendemos na escola de Pai Américo, nos sentimos queimados com o fogo dos vossos donativos, com o calor das vossas palavras.

«A Caridade não faz contas, nem tem limites.» Assim fazia Pai Américo. Não dava contas aos cartolas desse tempo, quando lhas pediam. Apenas aos Pobres como ele. Nós, seguindo essa linha, às vezes somos apanhados em contra fé. Daí a nossa preocupação, quando, há dias, escrevíamos que o saldo do ano de mil novecentos e noventa e dois fora negativo, mas tínhamos confiança na «multiplicação dos pães». E conti-nuamos a ter. O milagre dá-se todos os dias da nossa vida, a todas as horas e minutos. As nossas mãos chegam donativos que são autênticos milagres do Céu. Vemos esses milagres estampados no rosto dos Pobres, quando vamos ao encontro dos seus desejos.

Recentemente, com que alegria uma Pobre mostrava as fotos da Comunhão da sua filhinha!... «Só é pena estar com ar tão triste», dizia a mãe. «Mas o vestidinho está muito lindo», voltava ela. Mostrámos interesse que a pequena fosse vestida como as outras. E foi. Graças a Deus.

Há dias, foi lançado um SOS na nossa reunião por causa da D. Dália, aquela senhora que não tem pernas e vivia com outra velhinha que o Senhor levou. Essa senhora, além de lhe fazer companhia, tinha também um televisor a preto e branco, já velho, mas que era o passatempo das duas. Agora, a família veio por ele. D. Dália



Equipas e comitiva do F. C. Porto e do G. D. da Casa do Gaiato

MIRANDA DO CORVO

OBRAS — A zona do escritório já está quase reparada. Agora continuamos no oratório. Os pedreiros estiveram, ainda, em reparações na estremeira.



A Família

VEMOS em cada um dos nossos rapazes a raiz de uma família. As famílias que eles amanhã não-de ser dependem muito do que ora forem, e de tudo o que a Casa do Gaiato lhes der. Olhamos já, para eles, não tanto para contemplar no que são, nem para gozar a sua doçura e inocência; saborear a doçura das suas graças e traquinices ou sofrer as birras e confrontos que a adolescência irreme-

SETÚBAL

diavelmente traz, mas para os pais de família em potência que cada um é já.

Não nos fixamos na história sempre trágica que lhes negou a riqueza familiar. Esqueçemo-nos positivamente dela e vemo-los sempre como filhos nossos. A Casa do Gaiato é uma família. Eles não nasceram

da nossa carne, mas do mais íntimo da nossa doação. São filhos e nós pais.

Esta relação cria-nos uma inquebrantável cadeia de amor que é fonte de energia para vencer todas as dificuldades.

As tristes histórias individuais movem o nosso ser para uma abertura maior. São o espelho claro dos

pecados da sociedade em que vivemos e que quer celebrar um Ano Internacional da Família.

Sabemos que não é fácil acabar com toda a origem da destruição familiar, mas acreditamos que é possível remediar algumas.

Nós que sabemos pôr ordem na vida material porque não tentamos na vida moral, espiritual e humana?

Porque não observar a Natureza que fez o dia para o trabalho e divertimento e a noite para o descanso? Porque facilitamos tanta vida nocturna?

Em situações de emergência criamos um clima de recolher obrigatório e nas circunstâncias tranquilas abrimos as portas a todo o género de deboche em nome da libertinagem, não da liberdade, pois o homem quanto mais libertino menos livre é, e quanto menos livre menos responsável e, por isso, também menos capaz de criar famílias.

Bradamos às armas por causa da droga e facilitamos todas as oportunidades para a sua expansão. Choramos a tragédia da prostituição falando dela e dos seus malefícios e abrimos a vida nocturna, escandalosamente, para que se desenvolva e enrole toda a juventude. Promovemos o Ano Internacional da Família depois de criarmos o ambiente cultural capaz de a destruir.

Não acredito muito nos resultados destas iniciativas. Servem quase sempre, só, para atirarem areia aos olhos.

Acredito mais na expressa vontade daqueles que tudo têm feito para salvar o que estava perdido como fez o Senhor. Vamos às nascentes da miséria, estanquemo-las, pois podemos fazê-lo. Aos cristãos compete ser caminho de salvação para o que está perdido e anunciar a hipocrisia daqueles que se sentem incomodados, não com a desgraça dos homens mas com o perigo que lhes pode advir desta situação.

Ai... que se todos verdadeiramente quiséssemos a

sanidade familiar, como acabaríamos com tudo que a perverte!

O jogo político sempre tem dado provas de que sabe fazer barulho. O mundo habituou-se a ele, por forma que, agora, há dias para tudo — e até anos.

Quanto às religiões é necessário que saiam dos discursos e das celebrações para o terreno.

Nunca, em época nenhuma da História, houve tanto filho órfão com progenitores vivos. O homem voltou-se contra si próprio em miragens de prazer e de lucro.

A Lei de Deus — tão clara na sua humanidade — é posta de parte como algo ultrapassado; até, às vezes, nos parece que a linguagem das religiões é mais arrancada aos discursos e mentalidade profana do que a Inspiração Divina e do povo que viveu e vive a sua fé.

Padre Acílio

A Obra da Rua sente na carne os efeitos desta alienação.

Não há gente que queira fazer a aventura cristã de perder a vida para a ganhar. A vacuidade mundana é um desafio para que a desafiemos também com os argumentos irrefutáveis da nossa doação.

É muito importante, mesmo condição *sine qua non*, cada família tenha uma casa, mas é também urgente que as famílias em degradação sejam ajudadas a viver de um modo humano digno. É necessário que a Igreja volte a ser Mãe através de uma maternidade assumida pelos seus membros. Ela a chorar a infelicidade dos seus filhos, a dar o amor verdadeiro, real e concreto; não teórico nem poético nem místico, mas um amor sério, será capaz de segurar alguns diques que estão a rebentar com a presente enxurrada. Que a Igreja se não fique nos discursos e nas celebrações como fazem os políticos, mas venha sujar as mãos e lavar os seus próprios pecados — como dizia, tão bem, o Padre Américo.

PASSO A PASSO

VIVEMOS dias em que é comum cada qual falar das prendas que recebeu, principalmente daquelas revestidas de maior sentido. Quero falar de três que nos foram oferecidas por outros tantos dos nossos rapazes, cada uma com o seu sabor.

Tudo aconteceu quando regressava a Casa na ante-véspera de Natal e já iam sendo horas de dormir. Três dos nossos, adolescentes na idade, vieram ao meu encontro. Apresentaram-se dois deles com uma nota de cinco contos cada um e o outro com uma máquina de jogos da moda. Haviam andado nesse dia e no anterior a vender O GAIATO na baixa do Porto. Como os de qualquer outra criança, os seus olhos foram atraídos pelas coisas bonitas que as montras expunham. Daí a ficarem com os meios para as adquirirem, foi um passo. Passo infeliz que redundou num bem maior adquirido para um deles e talvez num acordar de consciência para os outros dois.

Tudo ficou para esclarecer no dia seguinte, pois é necessário que os bons propósitos tenham tempo para ganhar raízes.

O primeiro a falar comigo foi o Marco, trazendo consigo a verdade e o sincero arrependimento espelhados num olhar límpido.

Depois, veio o Bruno, sereno, mas de olhar fixo no chão. Inventou uma história rica de pormenores, de um senhor que lhe oferecera a máquina de jogos. Acreditei, e não mais adiantei que dar-lhe pequenos conselhos.

Por fim, o Nuno, reincidente neste tipo de coisas, oferecendo-me uma meia verdade e pouca consciência do mal feito, com a consequente falta de arrependimento.

A necessidade de esclarecer todos os factos trouxe toda a verdade à superfície. Fico a saber que afinal a máquina fora comprada com uma quantia retirada do produto da generosidade dos nossos leitores, e a nota de cinco, do Nuno, viera também, como a outra, da venda do jornal.

Isto diz-me que afinal o Menino não se esqueceu de nós, antes continua a nascer naqueles que são capazes de O escutar, transformando o egoísmo em actos de oblação. Assim aconteceu nestes três rapazes, em cada um com intensidade e de modos diversos, mas em todos eles no mesmo sentido.

Padre Júlio

falou-nos ao coração, daí o SOS lançado pelo nosso casal que a visita. Sim senhor, terá a sua companhia como diz. Claro que vamos para o mais baratinho e a preto e branco.

Temos outra senhora a quem o Senhor chamou o marido, depois de prolongada doença, à qual havíamos cortado a nossa ajuda. Pois com cinco ou seis filhos já em idade de trabalhar, entendíamos que não era necessário ajudá-la. Mas, agora, quando fomos visitá-la, não tivemos coragem. Os filhos continuam sem trabalho. Os netos, das filhas casadas, também lá vão comer. Continua a fazer hemodíalise e cada vez mais doente. Vamos continuar a dar um auxílio. «A Caridade não faz contas.» Estamos confiantes na multiplicação dos pães.

Graças ao Pai do Céu, a nossa correspondência tem aumentado, talvez fruto da nossa insistência em pedirmos que as vossas cartas sejam endereçadas para o nosso Lar do Gaiato do Porto — Rua D. João IV, 682 — 4000 PORTO.

Neste período de férias, é natural que a correspondência diminua, mas como os estômagos dos Pobres não podem ter férias, confiamos que, pelo menos, uma vez em cada mês, nunca tenhamos de fazer a nossa visita de mãos a abanar.

Alguém escrevia: «Devíamos envergonhar-nos de descansar ou de comer uma refeição abundante, enquanto haja um só homem ou uma só mulher válidos sem trabalho e sem alimento».

Felizmente ainda há quem se envergonhe. Assim, damos graças a Deus pelas ofertas que nos chegaram:

Duma anónima, 5.000\$00. Para um caso urgente, o mesmo da nossa amiga Maria Bastos. De Maria Teresa, 1.000\$00. De Ana, 2.000\$00. Outra Ana, de Lisboa, 5.000\$00. Anónima, 2.000\$00. De Tavira, para a consolda dos Pobres, 20.000\$00. O nosso muito obrigado.

Valdemar e Olga

Notícias de Moçambique

FÉRIAS — Estamos em férias. Todas as tardes um tempo para desporto e lazer. Os mais pequeninos têm mais tempo livre. Casa dita inventam um novo brinquedo. Neste tempo de calor aproveitamos as folgas para molhar o nosso corpo.

ESCOLA — Conseguimos chegar ao final do ano com bons resultados. Parabéns aos que conseguiram passar para a 6.ª Classe. Fizeram exames na escola oficial e todos conseguiram médias acima de 14 valores.

DESPORTO — Participamos num campeonato de andebol. Defrontámos oito equipas. Apenas duas vitórias. No próximo, estaremos em melhores condições.

CONVÍVIO — No fim de Novembro houve um grande convívio entre os que estão ligados directamente à Casa do Gaiato. Ao todo, éramos quase trezentas pessoas. Aproveitámos para comemorar o aniversário das Micro-empresas e do nosso Padre José Maria.

MACHAMBAS — Sentimo-nos preocupados com elas, por falta de chuva. Estão preparadas, mas sem o essencial — a água.

NATAL — Preparamos o Natal da melhor forma. Chegou o tio Custódio para ajudar. Esperamos que haja muita seriedade nos ensaios...

Alunos da 5.ª Classe

MALANJE DIA-A-DIA

13/11/93

Por mais aviões que venham e deixem alimentos, estes não chegam para tamanha multidão. A fome continua.

A campanha pró-criança conseguiu minorar o mal. Agora, porém, são os pais e as mães com as pernas e pés inchados... Sómente, a paz. Com esta, o regresso urgente das populações às suas sanzalas. Lá, as mibangas que logo ficarão prenhes de mandioca, milho e ginguba; a limpeza das fontes — que de novo saciarão a sede; e o reacender dos carreiros do mato que, ansiosos, esperam o compasso rítmico dos passos. Então, sim, os sorrisos simples e confiantes como as folhinhas singelas da rebentação nas estacas de mandioca.

16/11/93

Pedrito:

Uma história curta. Sabemos, simplesmente, que dormia na rua e de dia procurava os centros da «papa».

O seu olhar é triste. Dá impressão de sempre lhe faltar alguma coisa que não encontra. Um ar de procura... Raízes sem paz.

Ontem doía-lhe a barriga. Hoje, pensei, o regaço fofo duma mãe... E ele há tantas mães com regaços fofos mas sem filhos...

Por quem esperas?!

Atira fora os teus atadinhos inúteis e vem. Ansioso, o Pedrito, espera por ti — para poisar o seu olhar, profundo e meigo, no teu — na ternura do encontro.

Talvez o Encontro que o Senhor, na sua agenda, tem marcado contigo.

Padre Telmo

ENCONTROS em Lisboa

O nosso mundo poderia ser bastante diferente...

A liturgia da Noite de Natal foi buscar o antigo texto de Isaias e proclama-o solenemente: «É que um Menino nasceu para nós, um filho nos foi concedido». Neste Menino e neste Filho se resumem todas as expectativas humanas. É possível sonhar, esperar, contemplar horizontes que o realismo do dia-a-dia nos proíbe. Feliz Natal! Um Menino nasceu!

Pai Américo diz, creio eu, qualquer coisa como isto: «O segredo das obras divinas é que elas sejam plenamente humanas». Estou em crer que o Natal mexe tanto conosco porque é a plena humanização do nosso Deus e é ao mesmo tempo o apelo mais veemente a que nos tornemos verdadeiramente homens. Um Menino nasce. É a vida que vemos transbordar diante dos nossos olhos e que nos apetece acolher no nosso coração. Na noite de Natal a humanidade e a divindade confundem-se. A nossa linguagem vai dando conta disso: É o Deus-Menino e é o Menino-Deus.

Quando isto nos alegra e quanto tudo isto nos interpela.

Um destes dias Padre Telmo telefona: — *Tenho um menino que não conseguimos curar aqui. Segue de avião. Veja o que se pode fazer.* O menino já está em tratamento e, se Deus quiser, teremos homem. Para já é a sabedoria dedicada dos homens da ciência. Um parêntese para agradecer todas as atenções que os médicos e restante pessoal têm tido com ele. Este Natal trouxe-nos este menino vindo das terras da fome, da doença e da guerra. Faz doer quando sentimos que foi um entre muitos que estão a precisar.

Às vezes dou comigo a pensar que o nosso mundo poderia ser bastante diferente se os homens do poder pudessem dedicar algum do seu tempo a viver com crianças. Aprenderiam muito sobre a humanização do nosso mundo. É Natal. Deus veio até nós feito menino e feito filho. Deixemos que o nosso coração se abra à serena e silenciosa esperança que esta noite nos traz.

Padre Manuel Cristóvão

Ecoss d'África

Continuação da página 1

Depois de retirarem o valor delas, gostaria que aplicassem o restante naquilo que eu considero a prioridade das prioridades, ou seja, nas vossas crianças de África e em especial nos países onde estão presentes as Casas do Gaiato.

Faço votos para que o Novo Ano vos traga notícias mais animadoras no que diz respeito à Paz em Angola e Moçambique, para que a reconstrução seja possível com a ajuda de todos nós.

Obrigado pela vossa coragem.»

É de Vila do Conde.

«Aflige-me a fome em África e admiro a coragem e dedicação daqueles que deixam o conforto da pátria para se entregarem ao serviço dos mais desprotegidos. Sinto também muito as dificuldades dos jovens que não arranjam casa para construir uma família.

Já de certa idade, mas graças a Deus com saúde e uma reforma razoável, os problemas da velhice atormentam-me.

Mas com a quantia que envio, que poderei eu remediar?»

Ora eis a verdadeira doutrina: Não é na quantia que está a essência do remédio; é na comunhão com quem sofre: «aflige-me...», «sinto também muito...», «os problemas da velhice atormentam-me». A quantia é um sinal significativo e fecundo da comunhão. E tanto mais fecundo quanto, por não remediar tudo, estimula a permanência em comunhão.

«Gostaria que a importância deste cheque aliviasse um pouco o sofrimento das crianças africanas.

Entretanto, rezo, tal como muitos portugueses, para que Angola e Moçambique encontrem o caminho da paz e se deixem guiar pelo Evangelho.»

Veio de Coimbra e toca uma nota muito importante: o dever nosso, de portugueses, de partilharmos o sofrimento de Povos a quem estamos especialmente vinculados pelo passado em comum e dos quais nos não queremos desvincular para o futuro.

Do maço imenso tomo uma carta a que não resisto, quase na íntegra:

«No princípio deste mês (Novembro) tivemos de ir ao Porto. Ficámos surpreendidos. Havia já toda uma antecipação do Natal: as montras e as iluminações convidam a pensar na época natalícia.

Não nos deixámos tentar. Mas interrogámo-nos em casal e com os nossos filhos: — Será que se antecipa também o espírito e a vivência do Natal? Que bom seria...!

Decidimos em família viver essa antecipação dando mais sentido ao Advento nas

nossas seis casas (as dos cinco filhos e a nossa) acendendo mais ou menos à mesma hora as velas de Advento. «A chama de todas as velas vai unir-nos num só pensamento — somos uma grande família que quer viver o espírito de Natal e também ajudar as outras a vivê-lo» — assim escrevemos em carta que a todos mandámos.

Gostaria também de ajudar os que não têm família. A Casa do Gaiato está sempre no primeiro lugar. Gostaríamos de estar todos nós presentes na ceia de Natal dos gaiatos.

Junto um cheque para os 'rebuçados' dos gaiatos dessa Casa, para os de Moçambique e para os de Angola. Assim as nossas rabinadas vão ser mais doces.»

Outra que Deus nos ajude a merecer:

«Vibro cada vez mais com a leitura d'O GAIATO. Comove-me e incita-me para desprendimento deste Mundo e, como consequência, leva-me mais à união íntima com Deus. Não o leio, devoro-o ávidamente, tal é a medula da sua substância divina. Note-lhe, desde há tempos, grande melhoria no tocante às ideias de origem espiritual. Apoio, absolutamente, esta orientação. Assim desperta os leitores, levando-os, quase inconscientemente, para a sua purificação, para a santidade.

Com a aproximação do Santo Natal, impõe-se-me, mais uma vez, a obrigação de enviar algo que faça bem a quem precisa e, por isso, acompanha esta carta um cheque. E, como sempre, não admito agradecimentos, visto que, tão sómente me limito a cumprir uma obrigação que me foi imposta por Deus e pela minha condição de católico.»

E o maço imenso fica... ainda imenso. Enquanto termino com esta carta extremamente reconfortante por ser de quem é: o Padre de Luanda que deu a mão aos primeiros rapazes da Obra da Rua que há quarenta anos Pai Américo colocou lá; o Bispo que nos recebeu quando a Obra da Rua foi para Angola; o último português que foi Arcebispo de Luanda e agora regressou definitivamente, «a poucos dias de completar 60 anos de África», ferido pelo «paludismo que nada me pode deixar fazer» e porque «é tempo de pensar no Além».

«Envio uma pequena lembrança, a qual, ou aquilo em que possa ser convertido, seja utilizado pelo Padre Telmo em Culamuxito.

Tinha cá o resto de algumas dádivas e eu quis mandar este óbolo para Culamuxito.

Há cerca de trinta anos nos encontramos em Malanje e Culamuxito e V., já uma vez, me falou no alto capim que aí foi encontrar e que lhe deu a tentação de fugir. Mas como, depois, se fez ali uma bela propriedade, que era a admiração de tanta gente!

Contudo e por várias vezes o Padre Telmo passou ali, e até há bem pouco tempo, tantas tribulações! Quando lhe escrever, agradeço apresente as minhas saudações.»

Com a mente e o coração cheios de recordações que nos unem e da afeição e respeito que lhe devotamos, deixe-nos beijar a sua mão, senhor D. Manuel.

Padre Carlos

MOÇAMBIQUE

Continuação da página 1

de Angola, é um mundo de gente com fome. O movimento rodoviário é demasiado. No aeroporto os voos externos e internos são contínuos. Os aviões fazem fila para descolar.

Um exemplo extremo da carestia de vida: Uma manga, nada especial, vendida na rua, custa quarenta mil kwanzas. Pelo valor de duas voei até Benguela. Um salário mínimo compra três. Um professor, que foi gaiato, ganha para comprar quinze, ou seis quilos de arroz.

Uma cena me chocou: Um daqueles loucos mansos, que vagueiam o dia inteiro, sobrando plásticos sujos e coisas imprestáveis, olhar perdido, cabelo eriçado, andrajoso, cruzou comigo. Noutro lugar, qualquer pessoa sentiria repulsa ou medo. Ali, naquela circunstância, perpassou-me a alma um calafrio de espanto e compreensão. É que arrastava grossa corrente, presa ao pé direito com um cadeado. O pé livre, a corrente pesada de quilos que arrasta consigo, bem amarrada com um cadeado que alguém lhe fechou. Cada coisa e um homem — antologia de um povo. Um irmão. Um Cristo de hoje, nas ruas da Babilónia, cruzou comigo.

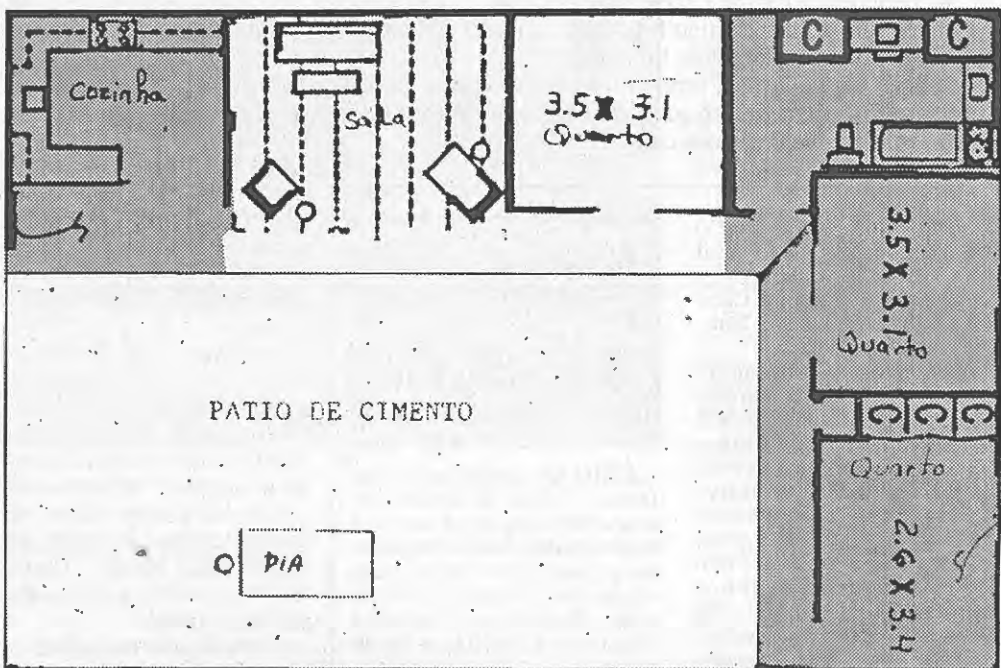
Padre José Maria

Património dos Pobres

Uma amostra



Restos onde vive uma família de doze pessoas — pais e dez filhos menores.



Vamos ajudá-los a ter a sua casa e a sentir que somos irmãos. Nós todos...!

Gritos de confiança

Em cima da nossa mesa está um monte de cartas a pedir a nossa ajuda. São párocos atentos ao sofrimento dos seus paroquianos.

Eis a primeira: «Trata-se de uma família constituída pelo casal e três filhas com 5, 3 e 2 anos e a mãe da esposa. São 6 pessoas a viverem todos numa casa apenas com cozinha e outra divisão. Ao lado, dispõem de um terreno no qual a podem aumentar. Já começaram as obras, mas não têm possibilidade de as acabar. Vêm, por isso, pedir uma ajuda, na esperança de serem atendidos».

Outra carta: «Venho apresentar o pedido do meu paroquiano, com um filho deficiente, e pedir a vossa ajuda para a casa que estão a construir e onde já vivem. Falta revestir todas as paredes, pôr a electricidade, arranjar o quarto de banho. A parte onde vivem está apenas dividida por cortinas. A casa tem a área de 10x9,5m e as divisões são uma cozinha, uma sala, dois quartos, uma despensa e quarto de banho. A esposa tem de estar em casa para olhar pela filha que é doente». Família heróica que é digna da nossa ajuda.

Ainda outra: «Serve esta para pedir a ajuda da telha para um casal que trabalha tantos anos na agricultura, e, agora, com as suas poucas economias, compraram um terreno e nele estão a construir uma casinha para passarem o resto de seus dias.

É um casal humilde, honesto e trabalhador, mas, como sabemos, a agricultura não chega, ou melhor, quase só dá para comer.

Têm ainda 6 filhos solteiros. Se for possível agradeçia a vossa ajuda».

Vamos todos ajudá-los. Que ninguém fique de fora!



Gaiato

Director: Padre Carlos — Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Adm., fotocomp. e Imp. Casa do Gaiato — Poço de Sousa — 4500 Penafiel
Tel. (055) 752285 — FAX 753799 — Cort. 500768996 — Reg. D. G. C. S. 100398 — Depósito Legal 1239

Padre Horácio

Tiragem média, por edição, no mês de Dezembro: 73.425 exemplares.